

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

# NEGRITUDES & PRETOLICES

Nasci no início da madrugada de 16 de maio de 1957, no centro da cidade de Parintins, Estado do Amazonas. Uma cidade pacata, bucólica em suas paisagens verdes, situada numa ilha às margens do Rio Amazonas, rodeada de lagos. Vim de uma pequena família, com pais pobres e um único irmão.

Meu pai, Francisco de Oliveira Garcia, conhecido popularmente como Gaíto, era um modesto carpinteiro e católico praticante. Líder entre nove irmãos, ele extraía da Bíblia sua prática de vida, aplicando, diante dos erros e equívocos dos membros da família, medidas corretivas, sempre de forma fraterna. Apesar de possuir apenas cinco anos de estudos formais, meu pai era dotado de vastos conhecimentos, adquiridos por meio das informações das rádios nacionais e dos jornais, que chegavam com vários dias de atraso. Ele tinha uma memória impressionante, principalmente em relação à história mundial, narrando didaticamente os fatos, suas causas e consequências. Essa referência de aprendizado foi algo que eu trouxe para os bancos da escola. Invariavelmente, ele escrevia no alfabeto

Copperplate, destacando, com essa habilidade, suas anotações diárias.

Minha mãe, Eunice Santiago Garcia, chamada Alice—pois meu avô materno, emocionado com a comemoração do nascimento, trocou seu nome no cartório—era filha de um exímio manipulador e vendedor de carnes bovinas e suínas. Desde cedo, aprendeu habilidades culinárias, especialmente aquelas relacionadas aos subprodutos cárneos: linguiça, charque e chouriço. As informações que ouvia pelo rádio permitiram que ela também se aventurasse em pratos típicos regionais e até internacionais. Minha sorte, pois, como se diz, a conquista de um homem é sempre pela boca. Meu irmão, Raimundo Mariano Santiago Garcia, era considerado um gênio nos números. Quando cursou Estatística em Fortaleza-CE, a facilidade nos estudos lhe deu tempo demais para se dedicar à bebida, tornando-se alcoólatra, como nossa mãe. Ainda assim, tornou-se admirável como professor universitário de Estatística Econômica e Econometria, com uma visão de mundo diferenciada devido à sua compreensão e aplicação de raciocínio lógico e manipulação de números complexos. Infelizmente, faleceu prematuramente de encefalopatia hepática.

Essas breves descrições sobre meus familiares serão ampliadas ao longo do meu trajeto humano.

tenra idade estão marcadas pelas brincadeiras regionais de crianças, como manja, barra-bandeira, roda-pião, futebol em quintais com mangueiras, e o uso de miniaturas de barquinhos feitos de madeira leve (molongó) que deslizavam na lama da rua durante as chuvas. Na época, a cidade não tinha energia elétrica ou água encanada nas residências. Buscava-se água no Rio Amazonas em latas de alumínio de 18 litros, e a garotada aproveitava para tomar banho no rio ao final da tarde. Havia um porto, chamado trapiche, que, na época da seca, ficava a uns 20 metros do nível do rio. Quando eu tinha apenas 4 anos, fui atraído por um primo, Heitor Garcia, para pular n'água daquela altura, mesmo sem saber nadar. Fui salvo por meu pai, que estava com roupa, relógio e bota de trabalho. Também ouvia contos e lendas nas rodadas de conversa dos adultos, o que despertava meu interesse, principalmente na área de folclore e cultura popular. O rigor para entrar nas conversas dos mais velhos deu início ao meu aprendizado de disciplina. A repreensão mais severa que enfrentava se caracterizava por brandas penas de isolamento: não podia fazer nada do que gostava—brincar, c



















